

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*MARCOS SÁ CORRÊA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo***Espetáculo na Selva**

Para as televisões, o cenário não poderia ter sido mais bem montado: uma grande assembleia de índios no Xingu, com danças rituais e ameaças aparentemente ferozes contra representantes do governo. Para a imprensa estrangeira, melhor ainda: um choque de culturas como já não se vê na Europa ou nos Estados Unidos; uma encenação carregada de pitoresco tratando do tema que agora recebe prioridade número um no mundo desenvolvido — a floresta amazônica.

Do lado brasileiro, também há quem extraia dividendos políticos do encontro como o “deputado ecológico” que prometeu obstruir, no Congresso, o projeto de construção de uma hidrelétrica perto de Altamira. A atriz e ativista Lucélia Santos declarou que as hidrelétricas foram construídas pelo regime militar, e não interessam ao povo.

A causa ecológica transformou-se, de fato, num super-assunto internacional; e o Brasil está na berlinda por abrigar em seu território a maior floresta do mundo. Também temos muitos índios, o que estaria a sugerir que o nosso *record* histórico nesse terreno não é tão mau quanto o de outros países. Um índio sioux (norte-americano) presente ao encontro de Altamira declarou explicitamente que se os assuntos indígenas tivessem merecido tratamento semelhante em seu país, seus irmãos de raça estariam em situação bem melhor que a de hoje.

O Brasil não seria inteligente nem hábil se tratasse o problema ecológico de modo descuidado ou atabalhado. Ao mesmo tempo, é preciso manter a questão — que é séria — dentro de um mínimo de racionalidade.

Uma *pajelança* como a do Xingu mexe com o nosso inconsciente coletivo — com alguma forma de culpa entranhada que o branco mantém em relação ao índio, primeiro ocupante da terra. Esse inconsciente coletivo fez do índio o grande herói da literatura romântica (enquanto o negro, estatisticamente mais presente em nossa formação, não merecia as mesmas atenções).

Mas o Brasil de hoje está muito, muito longe dos tempos do Descobrimento; e o *I-juca Pirama* não é o poema de que estamos precisando. Uma economia do tamanho da brasileira já não pode ser conduzida com base no indianismo romântico.

Está muito bem que os deputados ecológicos se preparem para combater o projeto da nova usina no Congresso, como também combatam as usinas nucleares. Resta saber em que tipo de energia se apoiará o país para a difícil entrada no século XXI. Energia solar? Biomassa? Pequenas usinas? Cada uma dessas modalidades pode trazer, a seu tempo, ou em condições específicas, a sua contribuição. Mas sugerir que o Brasil pode simplesmente dispensar, daqui para a frente, a energia nuclear ou as hidrelétricas de maior tamanho é proposição que acarreta o ônus da prova. Para isso não bastam discursos líricos.

Há algo de novo e de interessante no encontro do Xingu: o nosso estágio democrático permite a

essa minoria expressar os seus pontos de vista — do modo primitivo que corresponde ao seu estágio cultural. Mas os índios brasileiros já não compõem uma população homogênea, e em muitos casos são menos primitivos do que se faz supor. Um dos caciques do Xingu foi visto registrando em vídeo a dança ritual de seus liderados. Pode haver mistura mais esdrúxula do arcaico e do moderno? E não se mostram também os indígenas fãs incondicionais do radinho de pilha?

O que está por trás de toda essa discussão é o problema do desenvolvimento. O mundo inteiro está preocupado — com maior ou menor razão — com a floresta brasileira, e, por extensão, com os índios que a ocupam. Como estamos no ano da graça de 1989, e não no período em que os carroções rodavam em direção ao *wild west*, é preciso encontrar um encaminhamento moderno e satisfatório para assunto que é do nosso próprio interesse.

Mas para progredir neste sentido o Brasil precisa também progredir em outros; e precisa, sobretudo, retomar o rumo do seu desenvolvimento. Por paradoxal que possa parecer, a preservação da floresta (e dos índios) supõe esse desenvolvimento, que tanto é material quanto cultural. Um Brasil pobre e estagnado — e portanto ressentido — continuaria, muito simplesmente, a adotar em relação à Amazônia a atitude predatória que se viu até agora. Um Brasil eternamente subdesenvolvido continuaria a ter nos seus organismos voltados para a questão indígena o exército de funcionários ineptos preocupados com o seu salário, e não com as suas funções.

Mas para que haja desenvolvimento é preciso que haja energia. A usina que se planeja para as vizinhanças de Altamira já nasce em condições bem diferentes do projeto desastroso que resultou na hidrelétrica de Balbina. Sinal de que, de algum modo, progredimos. Que se discuta o projeto. Mas sem esquecer que o problema da energia é vital para o país. Os ecologistas podem (e devem) raciocinar de acordo com as suas convicções. Mas gastarão inutilmente o seu latim se só tiverem a propor um país de Peter Pan, amarrado ao passado.

A Amazônia pode ter um encaminhamento viável do ponto de vista econômico e cultural. Não precisamos apresentar ao mundo o rosto contorcido da xenofobia. Mas temos todo o direito de deixar claro que se trata, neste caso, de uma questão nacional, a ser resolvida com inteligência e bom-senso pelos próprios brasileiros. Dentro desse contexto é que a ajuda de entidades ou governos estrangeiros pode ser preciosa. Também não temos condições de recusar essa ajuda.

O que é perfeitamente dispensável é o show folclórico em que o Brasil se vê reduzido, por gente de dentro e de fora, a uma república das selvas, desligada da civilização, à espera do conselho ou da ajuda dos “missionários do progresso” — missionários que, em seus países de origem, não fizeram o que agora pregam.